

# REVISTA DO CENTRO LITTERARIO

PUBLICAÇÃO LITTERARIA E SCIENTIFICA

Collaborada pelos Associados



ANNO I.

RIO DE JANEIRO, 15 DE NOVEMBRO, 1882.

N. 1.

## EXPEDIENTE

Toda a correspondência deve ser dirigida á secretaria provisoria do Centro Litterario, rua da Pranhia 172, sobrado.

A commissão pede ás pessoas da corte ou do interior que desejarem ter a Revista, queiram enviar seus pedidos ao lugar acima.

## REVISTA DO CENTRO LITTERARIO



Rio, 15 de Novembro, 1882.

IS o nosso primeiro passo, duvidoso e incerto como o da criança que, depois dos cuidados maternas que a aperfeiçoam e preparam para receber os impulsos de uma vida que começa, entra no primeiro periodo da perfeição humana.

Mas, como a criança, necessitamos mãos que se nos estendam, tomando a nossa e guiando-nos por um caminho plano e despido d'esses tropeços invisíveis que se oppõem á marcha progressiva do ser.

Somos o filhinho implume da aguiá — litteratura — que, admiradõ dos seus vôos rapidos e grandiosos, com o biquinho entreaberto, batendo as azinhas tenras, ousamos deixar o ninho para acompanhar seus movimentos, no espaço brilhante das regiões da poesia.

Somos um bando modesto de pequenos talentos, ávidos de saber para bem engrandecermos a patria, de luz para que não nos offusquemos com a de extranhos, emfim, de coragem e força propria para não queirmos, nas lavas encandescentes do volcão — ignorancia.

Caminhamos para o dia; trabalhamos para gosar descuidosos e conscientes o nosso porvir; estudamos para bem comprehender o alcance dos nossos proprios esforços e, quando no futuro, dizermos aos nossos descendentes: — Eis o que somos e o que fomos. Um nome glorioso vos precede e honra.

Eis ahí a vossa herança, producto do nosso trabalho e fructo dos nossos estudos; respeitai-a, pois, que é digna d'isso

Nascemos para a luz, pertencemos á vida social.

O nosso cérebro obedece aos impulsos do patriotismo.

O nosso coração bate celere e arrojado, movido

pela liberdade, tal como é, veneranda e santa, singela e nobre, muito mais digna de respeito dos nossos homens de hoje que, transformando a filha do Christo em uma materia vil, mostram-n'a á geração nova convertida em estatua de gelo sobre um pedestal de granito.

A nos a politica é a nossa aspiração: não corrompe, emenda; não destróe, eleva.

Na nossa tribuna plantámos a bandeira da reciprocidade, tremulando garbosa ao ciclar das concepções grandiosas dos mestres que ornarn a nossa modesta bibliotheca.

Eis o que somos.

Unidos fraternalmente, tivemos um principio — a eschola; concebemos um fim: — abrangermos n'um amplexo mutuo tudo o que é bello, grande e nobre: — o estudo! —

Se nos pensamentos expressos nas columnas desprezenciosas e pobres do nosso pequeno jornal houver erros, o erro é dado aos homens; vaidade, foi uma fraqueza; ambição, perdoai-nos, é por muito querermos a patria.

Eis a nossa divisa: —

Trabalhar, que o trabalho ennobrece, a nobreza honra e a honra é tudo.

## PROGRAMMA

O Centro Litterario, no Rio de Janeiro, é uma associação composta de brasileiros e portuguezes maiores de 15 annos, em numero illimitado, para os fins seguintes:

- 1.º Desenvolver o estudo e cultivo das letras.
- 2.º Animar a litteratura vernacula pelos meios ao seu alcance.
- 3.º Dar publicidade a obras ineditas de merecimento que lhe forem offertadas.
- 4.º Reimprimir as obras dos melhores classicos da lingua.
- 5.º Effectuar a compra e ser editora de qualquer obra de reconhecido merecimento, sempre que lhe convier e seus recursos o permittirem.
- 6.º Publicar mensalmente uma «Revista» com as produções dos socios de todas as classes, se taes produções forem previamente approvadas pela commissão de redacção e censura.
- 7.º Celebrar sessões litterarias quinzenaes, onde se discutam pontos de historia, sciencias, artes, lit-



- teratura, e quaesquer outros ramos de conhecimentos humanos, exceptuando politica militante.
- 8.º Formar uma bibliotheca de obras offerecidas ou adquiridas, e dictionarios dos melhores autores classicos, livros, compendios necessarios á compôr uma bibliotheca da lingua patria.
  - 9.º Assignar os jornaes e revistas illustradas do Brazil e Portugal.
  10. Estabelecer relações e correspondencia com as associações brasileiras e portuguezas congeneres, com editores e homens notaveis por conhecimentos litterarios e scientificos.

## O CENTRO LITTERARIO

Julietta Monteiro

O. D. C.

SENHORA, OS TEUS — Preludios — sublimes, inspirados,  
Já foram um a um, relidos, devorados,  
das mentes juvenis, famelicis, vorazes,  
d'ambrosias celicas, de inspirações vivazes :  
e os olhos incendidos d'auroras idéaes,  
banharam-se no goso dos cantos divinaes !  
Por isso, os teus *Preludios* sublimes inspirados,  
já foram um a um, relidos, devorados !

Ainda embriagados da opipara ingestão  
de angelicos manjares da tua inspiração,  
temêmos despertar da doce lethargia,  
na horrenda solidão, sem luz, sem harmonia :  
sem ter *Preludios* novos que ler, que devorar,  
e em cantos divinaes a mente inebriar,  
ainda embriagada da opipara ingestão,  
dos celicos manjares da tua inspiração !

Escuta, oh meiga *afflicta* ; não chores ; na *soidão*  
essas horas de *dôr* das noites de verão,  
são horas melancolicas, de esplendidos *lyrismos* :  
e quando a *sensitiva saudoza* em paroxismos,  
no *ermo*, se confrange na intima agonia,  
então a lyra inspira-se em mystica poesia !  
Escuta oh rôla *afflicta* ; nas noutes de verão,  
não magões *teus olhos* e entoa uma canção !

Mergulha a phantasia gentil e vaporosa  
nos sonhos *rezielér* da muza suspirosa ;  
não indagues *quem somos*, que a *ti*, a *mãe*, ao *Sol*,  
pedimos mais auroras de lucido arrebol !  
*Lembraste ? os prantos do descrido e só*,  
são inda os *fragmentos* de um *forgetme not* !  
Mergulha a phantasia gentil e vaporosa,  
nos sonhos iriados da muza suspirosa !

Não deixes, poetiza, que o aspero *realismo*  
perturbe de tu'alma o candido *lyrismo* ;  
e que a *Locomotiva* a sibilar na vargem,  
dispute ao ideal a esplendida miragem.  
Embora os bardos novos, os bardos do *dinheiro*  
pendurem suas lyras dos ramos do Ingazeiro,  
não deixes, Julieta, que o rude *realismo*,  
conturbe de tu'alma o candido *lyrismo* !

E' em ti, na mulher, essa divina essencia,  
formada de esplendores, de luz, de intelligencia ;  
composta dos sorrisos das rozêas alvoradas,  
dos grandes prismas louros das tardes iriadas ;  
da fragrancia das rozas, da candidêz dos *lyrios*,  
dos mysticos arroubos de angelicos delirios ;  
é em ti, na mulher, essa divina essencia,  
que existe o ideal, o bello, a omnipotencia !

Quando a mulher ha consagrado a lyra  
que sente, que palpita, e que suspira,  
no *magestoso altar* da grande natureza,  
*tudo se adorna* e enflora de ideal belleza !  
Tudo é grande na terra, é tudo encanto,  
nada ha mais terno e doce, do que o canto,  
quando o amor, a saudade pulsa a lyra.  
da mulher que palpita e que suspira !

Canta pois, Julieta, ah ! canta ; preludia  
suavissimos acôrdes de celica harmonia !  
Não esqueças que nós, tememos despertar  
sem ter preludios teus, que ler, que devorar :  
sem termos as torrentes dos cantos inspirados,  
onde banhar de luz os olhos fatigados !  
Canta pois, poetiza ; ah ! canta, preludia,  
os acôrdes suavissimos, de angelica harmonia !

Centro Litterario, 20 de Outubro 1882.

A COMMISSÃO.

## O SECULO XIX E A GLOTTICA

É ainda o nosso seculo o que solve, o grandissimo problema das origens da linguagem.

A philologia comparada já tem ramificado sciencias, cuja importancia e utilidade marcarão epocha nos fastos da humanidade,

A descoberta do *Zend* e do *Sanskrito* dando-nos o *AVESTA* e os *Vedas*, são acontecimentos mais que sufficientes para glorificar o seculo XIX.

As opiniões que, até então, se sustentaram sobre as origens da linguagem, apenas servem para documentar a sagacidade arguciosa, a finissima maleabilidade do intellecto humano.

O *Sanskrito* abriu novo caminho ao empirismo etymologico.

Houve quem classificasse este dialecto indiano, como a primeira lingua original do homem.

Outros, mais commodidos, tomam o *Sanskrito* como representante do grande grupo *indo-europeo*, seguindo a luminosa classificação de Schlegel, mas, excluindo d'esta communhão, com solemne autoridade, todos os outros grupos, e, nomeadamente, os grupos *Semito-Kamitas*.

Mais tarde provou-se que o *Sanskrito*, nada mais era do que uma lingua congener e derivada, com todas as outras, como o *Zend*, o grego, o latim, e, o que é mais, com todos os grupos, ainda mesmo e principalmente, os *Semito-Kamitas* !

As investigações scientificas avançam sempre.

O sabio não cansa.

Champolion acha o enigma do hieroglypho ; constitue a sua grammatica e dictionario ; forma-se a *Egyptologia*.

A vida do homem, a sua constituição, a ethnographia, finalmente vão ter factos e incontestaveis documentos para a sua historia.

Joaquim Menant o grande assyriologista, escava Ninive e Babilonia, revolve os palacios de Ninrud, de Khorsabdad, de Nabuchodonosor ; interpreta e traduz os cuneiformes, deixa-nos conhecer a litteratura assyria e fórma a grande sciencia — *Assyriologia*.



As tradições prehistoricas entram no dominio historico.

A Mesopotameia, o vasto plaino de Sannar vão-nos fornecer documentos originaes, contemporaneos dos antigos seculos ; as nubulosas tradições, vão entrar no cadinho da analyse, e, passarão ás novas gerações com a sanção da critica severa e judiciosa.

A epigraphia e a paleographia archeologicas estabelecerão as suas leis seguras e infalíveis.

Quasi todos os philologos da nossa epocha são concordes em aceitar a unidade linguistica, e apontam como lingua mãe, ou unilitera uma que, nos tempos primordiales se fallou na Asia Central.

Esta lingua, soffrendo evoluções e assimilações de dezenas de seculos, de variadissimas dependencias physiologicas, climatericas e geographicas, constitue o fundo, a raiz da dialectologia universal.

Por mais paradoxal e controverso, que pareça este problema, está elle plenamente resolvido pelo grande Levy-Bing — o Colombo da linguistica.

Esperamos os trabalhos comparativos d'este illustre glottologo, e, principalmente o seu dictionario phenicio poliglotta, no qual prova que é o phenicio, lingua Semito-Kamitica a unica e verdadeira representante da lingua mãe, por ser a primeira lingua alphabetica, por ser a inventora do alphabeto.

Do panglottismo comparativo nascerá a lingua universal. Será ainda o seculo XIX o *restaurador* o *iniciador* da unidade linguistica, e, consequentemente o creador da confraternisação universal.

JOAQUIM JOSÉ MARQUES.

### FILHA SEM MÃE

Eu sou a infeliz pobre esquecida  
Chorando a perda d'uma mãe querida  
N'esta terra...

— Pomba deixada ao dô e á soledade,  
Do valle oppressa de cruel saudade  
Lá na serra.

Lembro-me ainda, bem pequena eu era,  
Quando sorria em gala a primavera  
Nas campinas,  
Ia passear no meio da floresta  
Com minha mãe, colhendo a gieste  
E boninas.

Lembro-me ainda dos carinhos ternos,  
Dos meigos brinços e beijos maternos  
Ao serão ;  
Brincava alegre pelo bosque escuro  
Nas ribanceiras e regato puro  
Com meu irmão...

Depois, sumiu-se minha mãe querida,  
Desamparou-me n'este mar da vida  
De amargura ;  
Na minha choça inclino-me de dôr  
Como a pendida fronte d'uma flôr  
Linda e pura.

Os meus dias passo exposta ao sol  
Scismando ao doce canto do rouxinol  
Nos arvorêdos ;  
Nem uma hora, um só momento existe  
Que não me traga uma lembrança triste  
Dos meus folguedos...

Rio de Janeiro.

JOÃO JOSÉ DE PINHO E SILVA.

## Bellas Artes



... ..  
AS, quem ousa fallar em bellas-artes ?

— Eu, meus senhores, triste e apedeuta, que não sendo inquilino de *rodapé*, tenho comtudo a pretensão de entender um bocadinho do *riscado*.

E sem mais preambulos, direi já que fui á exposiçã dos quadros do Sr. Almeida Junior, artista brasileiro, discipulo do afamado Cabanel.

\*

A tela que vi primeiro, foi uma de assumpto religioso : — *A fugida para o Egypto*. Era, pois, um quadro sacro.

Preciso é dizer-se que um quadro desse genero, deve ser feito com verdadeiro sentimento religioso ; seus personagens, com desenho quasi ideal, á força de ser correcto ; o colorido deve ter um *quê* de phantastico, capaz de imprimir á tela um cunho de mysticismo.

Sem ter estes requisitos, é de presumir que o quadro sacro, em vez de infundir respeito ao observador, apenas conseguirá provocar-lhe o riso.

E, nesse caso, o *fiasco* é certo.

\*

Felizmente, *A fugida para o Egypto* está completamente livre de cahir nesta triste collisão.

Bem livre, na verdade ; porque olhando-se para aquelle quadro, a nossa imaginação é logo arrebatada ás mysticas éras passadas e passam-nos pela mente todos aquelles dramaticos episodios, que inspiraram os antigos pintores.

Tem, pois, este quadro o grande merito de, ao primeiro lance de vista, impressionar-nos agradavelmente, pela imponencia das linhas exteriores.

Veamos agora se esta primeira impressão não desmerece ao analysarmos as expressões physionomicas dos personagens. Antes disso, porém, será bom dar-se a conhecer as condições estheticas do quadro. E' simples :

No centro da tela vê-se a Virgem sentada sobre o animalejo — o qual bebe agua em limpido regato — tendo as redeas tomadas na mão direita e sustendo com o braço esquerdo parte do corpo do Menino Deus. De pé, ao lado direito da Virgem, S. José — um tanto encostado ao animal — olha respeitoso para o fructo sagrado das virgens entranhas.

Ao fundo divisa-se vagamente uma cidade.

\*

A Virgem que, pela disposição do quadro, é a figura principal, tem uma expressão cheia de encantador enleio, de virginal pudor ; conjuncto de belleza ideal que revela um ser divino. Uma expressão de não fingida castidade — que é inquestionavelmente a que vai melhor á meiga virgem de que nos falla a Biblia.

O Menino Deus é admiravel !

Deitado no regaço da Virgem, com a cabecinha reclinada em seu braço, Elle fita os olhos no horisonte, onde o sol vai-se escondendo.



Aquella cabeça de creança, bem conformada, bem desenvolvida, correctamente desenhada; as feições accentuadas com energia, o olhar penetrante magnetizador, a querer devassar os mysterios da natureza; — todos os caracteristicos, emfim, de uma superioridade absoluta — mostram-nos claramente que aquelle menino é um ente sobrenatural. Conhece-se logo que, occulto n'aquelle tenro envolucro, existe um sabio — tal é a *vida* que o pintor soube imprimir áquelle divino infante.

A figura austera de S. José, está representada com muito sentimento: é uma figura bella, santa, cujo rosto extasiado exprime a um tempo, admiração, umas sombras de tristeza e uns clarões de alegria

Semelhante expressão, onde assomam esses tres sentimentos predominando o da admiração — é, a meu vêr, a mais propria de um santo que, por mysteriosa revelação, sabia o futuro do Menino Deus.

O artista soube dar a este quadro um *tom* phantastico, sufficiente para elevar-nos a imaginação. O colorido brilhante, o claro-escuro leve, suave, *vaporoso*, mais realçam a concepção artistica.

Finalmente, o manejo do pincel é feito com *largueza* e sem hesitações, denotando mão de mestre.

Comtudo, não direi affoutamente que *A fugida para o Egypto* seja um quadro verdadeiramente sublime.

Outra tela, pela qual bem póde-se aferir o talento do Sr. Almeida Junior, é a que tem por titulo: — *O repouso do modelo*.

É um quadro realista, mas de uma realidade limpa, e não desta immunda, hoje muito em voga.

Representa um luxuoso *atelier*.

O *modelo* — uma bellissima mulher — achando-se fatigado, vae descansar; senta-se ao piano, e, percorrendo-lhe as teclas com os mimosos dedos, executa uma composição de Offenbach. O artista — que está sentado defronte do cavallete, a pintar — é alegremente sorprendido pela pericia da pianista; e quando termina a musica, elle applaude a executante, que por sua vez, retribue o cumprimento, sorrindo-se-lhe meigamente. Eis o original momento que o pintor escolheu para assumpto do seu quadro.

O *modelo* mostra um bello tronco nú, de costas, os braços em escorço e a cabeça de perfil — tudo correctamente desenhado, admiravelmente colorido.

A cabeça é de rara perfeição: belleza de traços, grande relevo e expressão plena de alegria e meiguice.

O nú é magistralmente modelado e, pelo seu colorido, vê-se que é de uma natureza robusta, exuberante de mocidade.

O panno listrado que lhe envolve parte do corpo, é linda e artisticamente colorido; sendo o seu desenho feito de modo, que deixa advinhar as bellas fórmulas que esconde. O bem executado escorço do braço esquerdo, deve satisfazer aos mais exigentes criticos.

Nesta figura, como em todo o quadro, ha tal *sua-vidade de tons* — a par de grande energia de traço — que encanta e enthusiasma.

A figura do artista que applaude a douda phantasia do *modelo*, está muito expressiva de physionomia.

Os variados objectos que ornão o *atelier*, são pintados com extrema naturalidade: têm extraordinario relevo. Um sujeito vi eu, que foi certificar-se — pondo o dedo na tela — se realmente eram de louça dois finos pratos que estão na parede do *atelier*.

Este simples acto do curioso, constitue uma prova do que disse.

Tenho ouvido dizer que é boa pratica não se pintar muitos accessorios em um quadro pois que tornam-se as figuras *acanhadas*. Mas, no quadro do Sr. Almeida Junior, ha muitos accessorios, e, no entanto, não se dá tal facto: — ha espaço para todos os objectos que se nos mostram nitidamente, que se conservam nos seus planos, sem que da quantidade delles resulte *acanhamento* para as figuras.

Ha neste notavel quadro, ar, luz e, portanto, vida.

Resumindo, direi que a tela intitulada — *O repouso do modelo* — é, pela correcção do desenho, variedade e harmonia de colorido, um primoroso mimo, artisticamente trabalhado.

Duas *Academias* que tambem vi, devéras me contentaram.

Estamos acostumados a olhar para umas *coisas*, sem desenho, feitas... a ponta de lingua — salvo pequenas excepções — a que dão o nome de *Academias*... Imagine-se, pois, a intensa alegria que senti, a grande satisfação que experimentei, quando, avidamente, contemplei aquelles dois irreprehensíveis estudos, os quaes são, quer em desenho, quer em claro-escuro, duas joias artisticas.

Não querem dar-me mais espaço...

Afinal, considerando bem, isto é uma providencia, porque eu havia de dizer algumas palavras a respeito dos outros quadros que completavam a exposição... Ora, justamente, esses outros quadros, não possuem tanto merecimento como os de que já fallei.

... Então comprehende-se porque a falta de espaço é uma providencia...

Agora duas palavrinhas:

Um senhor critico notou erros de perspectiva n'um dos quadros do Sr. Almeida Junior — julgando que os objectos são uniformes. Pois continue S. S. com o mesmo systema de criticar, que eu irei applaudindo o joven pintor; e, no fim da *historia*, veremos quem vencerá.

A plena convicção que tenho de que o Sr. Almeida Junior não é uma mediocridade, e a fé que deposito em seu robusto talento — dão-me inteira certeza de que serei o vencedor.

Para terminar.

Dizem por ahi que o publico não gosta de pinturas: méro engano senhores maldizentes.



Façam exposições de quadros em lugar mais limpo e mais decente; annunciem que, em uma sala contigua haverá, para ser gratuitamente distribuidos, doces, sorvetes e musica de realejo, e verão então como o *respeitavel publico* concorre a exposições de pinturas...

Experimentem.

J. L. REIS.

## A D. ANGELINA PORTO

HOMENAGEM DO CENTRO LITTERARIO

Appareceste um dia na sala do Lyceô,  
qual surge no horizonte esplendida alvorada;  
tinhas a fronte gentil ruborizada,  
e o olhar semi-velado em pulibundo véu.

Soltaste enfim a voz argentea, avelludada,  
canôra como um trino, da doce Philomela;  
e recitaste alli uma poesia bella,  
em que reproduzias tu'alma enamorada.

Inda te escuto hoje, as notas sonorozas,  
do canto modulado d'ignotas harmonias,  
dedilhadas por ti, na lyra peregrina!

Por isso te dedico as flores perfumosas,  
colhidas no jardim das doces sympathias;  
são puras e sinceras: aceita-as, Angelina!

Novembro, 15—1882.

DUARTE PORTO.

## UM CASAMENTO NA ROÇA

Seis annos levei a curtir as saudades que tinha pela minha linda e pequena povoação natal, que me passava sempre pela imaginação com as suas casinhas brancas e o seu largo espaçoso ornado pela igreja matriz, circundada pelo cemiterio, onde se erguem os vultos sombrios das catacumbas, com seus marmores e epitaphios e os cyprestes, por entre cujas folhas se esgueiram aligeras, as andorinhas; e lá em baixo, na *grotta*, o rugir do *Parahyba* que, espumante, se despenha sobre um precipicio, enviando aos que passam pela estrada uma poeira fina de agua.

Seis annos levei a curtir estas saudades, que eram profundas; mas um dia, e foi ha pouco tempo, eu, como o Manrico do *Trovador* que diz:—*Corro á sulcar-te!* resolutamente e avigorado pela força da vontade, exclamei:—Corro á vêr-te, minha terra amada!

E minha resolução effectuou-se.

Oito dias depois, uma locomotiva da via-ferrea Pedro II transportava-me ás terras da bella estrella do Sul, a minha grandiosa provincia, e atirava-me nos braços de meus irmãos.

As minhas saudades satisfizeram-se e a minha vista deslumbrou-se ante tantas bellezas que a magica natureza soube dotar com apurado esmero e, orgulhoso e robustecido o amor ás minhas paragens, deixava-me ficar horas e horas sentado em uma pedra a ver deslizar as aguas limpidas do *Parahyba* e a ouvir a musica dos passarinhos!

Tudo bello, immensamente bello!

Mas, no meio de tanta alegria, de tanto divertimento, eu, ás vezes, mudo, deixava-me cahir n'uma tristeza incomprehensivel para alguns, e algumas lagrimas se me desprendiam dos olhos... Era que faltava-me o concerto harmonioso da familia; lembrava-me de meu pai e de minha, mãe que um oceano separa de mim.

Um mez depois, e foi n'uma quinta-feira, dirigi-me á meu irmão e disse-lhe:

— Parto para a côrte, no sabbado.

— O que dizes?

— Parto sabbado...

— Não podes!

— Porque?

— Ainda agora, andavas á caça, e aqui estive o nosso visinho e amigo capitão Sá, que veio propositalmente convidar-nos para a festa que no sabbado...

— Festa?

— Sim, casa uma filha com o Chiquinho Barboza.

— Mas tu é que fostes convidado e não eu...

— Não, senhor! atalhou meu irmão; o capitão Sá declarou-me que não me esquecesse de te levar; logo, seria indesculpavel a tua falta...

— Fico, respondi.

E n'aquelle momento lembrei-me do caracteristico dos bailes da roça, dos *caterêlê*s, do *jongo*, etc...

Sabendo que o capitão era um homem destituído de vaidades, um verdadeiro mineiro na extensão da palavra, isto é—franco, bom e leal; e sabendo mais que sua casa era um viveiro de moças bonitas, tornava-se impossivel que eu não me dobrasse á logica de meu irmão.

E fiquei.

Chegou o sabbado. Eram duas horas da tarde e eu já me achava enfardado em uma lustrosa camisa.

Pouco depois seguíamos, eu, meu irmão e outras pessoas, caminho fóra em direcção á casa do capitão. Já de longe avistavamos o vasto terreiro todo enfeitado de *bambús* e folhas dispersas pelo chão.

A casa era terrea, pintada de novo, e tinha um aspecto alegre e festivo. As luminarias pullulavam por todas as alturas; cestas repletas de petalas de flores esperavam os noivos, que tinham ido á igreja, que fica um pouco retirada da habitação do capitão Sá.

Era uma confusão, um alvoroço!

Aqui, era D. Joanna, a velha senhora do capitão, que ordenava ás mucamas certa serie de serviços; e acolá, o Sr. Manduca, o feitor, que todo encolerizado reprehendia os escravos. O capitão Sá, todo *untado* de rapé, de chapéo de Chile desabado, e todo atrapalhado, recebia um convidado, semeava folhas e flores em diversos lugares, dava um ponta-pé n'um moleque, contava uma anedocta ao professor publico Claudio Pestana, ia abrir uma porteira, enxotava as gallinhas e pintainhos que por alli andavam, etc., enfim, era um aparelho electrico o capitão Sá, apezar d'ssuas atrapalhacões.

Emquanto que o Sá se atrapalhava o mais que podia, D. Joanna, na cozinha, atarefada, habilidosa, amassava os doces, e, bondosa e branda como toda a senhora mineira, não tinha uma palavra aspera, rude, para reprehender as escravas a quem ella ajudava. E quem estivesse contemplando aquelle trabalho bem determinado, certamente só ouviria da bocca d'aquella santa senhora, estas palavras:

— Ludovina, tu te descuidaste! Laura, olha para aquelles rebuçados que se queimam... estás tonta! O' Isaura? filha, tu não fizeste o que eu te disse!...

(Continúa).

AVELINO LISBOA.



## A' D. ALZIRA BRAGA

HOMENAGEM DO CENTRO LITTERARIO

Estavas ao piano : teus d'edos afilados,  
corriam no teclado, quaes doudos colybris  
percorrem nos jardins, travessos e gentis,  
as petalas das rosas, felizes namorados.

E as notas saltitantes dos trechos inspirados,  
turbilhonavam loucas, phantasticas, febris,  
como uma legião de esplendidas houris,  
dançando á luz d'aurora nos edens encantados.

Depois, como cansada de loira phantasia,  
feriste o doce acorde das harmonias graves,  
tão doces como o sonho do anjo que sorri !

Então, ouvi a préce da Sacra — Ave Maria,  
em notas melancolicas angelicas, suaves,  
da lyra aureolada do autor do — *Guarany* !

Novembro, 15—1882.

NEMO.

## Bom tempo !

— Quiah ! Quiah ! Eia ! Plé !...

Eram estas, mais ou menos, as minhas interjeições,  
quando, em criança, eu me repimpava.... sobre uma  
meza, para *fingir de cocheiro* (segundo a minha phrase  
de então).

Aquelle — Plé ! — era a imitação mais approximada  
que eu fazia do estalo produzido pelo chicote a cahir  
sobre o dorso de uns animaes imaginarios.

E lá ia o carro, até que eu, no auge do enthusiasmo  
cuchia da meza, com grave prejuizo do meu desgraçado  
nariz, que era o — *paga-tudo* — nessas occasiões.

Isso era no bom tempo; n'aquelle tempo em que as  
geléas ainda não eram bastante conhecidas, como hoje.

Que supremo gosto sentia eu, quando, ao regressar  
do collegio, achava uma lata de goiabada ; amassava-a e  
ostentava d'ahi a pouco, sobre o — *paga-tudo*, — uma  
lamina de folha, em fórma de oculos !...

Que delicias experimentava, quando, achando minha  
boa avó á dormir, ia, com a pericia de um pintor con-  
sumado, desenhar-lhe um formidavel par de bigodes á  
carvão !

Mas depois, para desmanchar o seu sabor, quanta  
reprehensão, quanto cascudo *amigavel*, quanta praga  
benefica eu tinha de supportar !

Mas, aquillo tudo passava, e d'ahi a pouco, voltava  
á fazer das minhas.

Bom tempo, aquelle ! Bom tempo !

Lembro-me perfeitamente, como se fôra hoje, de  
uma travessura que, longe de me custar uma repre-  
hensão ou um cascudo amigavel de minha avó, custou-  
me quatro furiosas palmatoadas de meu pae.

Foi a seguinte :

— Fazia annos meu irmão mais velho (que hoje é  
tenente-coronel do batalhão da reserva da guarda na-  
cional no Ribeirão Secco), e meu pae, amigo de fol-  
guedos, organisou um opiparo jantar para solemnizar  
o dia.

Desde manhã que eu andava *de olho* com uma for-  
moza gallinha que, na opinião da cozinheira, devia ser  
a peça mais importante do jantar.

Aquellas pernas ossudas, cobertas de uma pelle  
amarella, tinham para mim uns encantos fascinadores.

No meu pequeno cerebro formigavam idéas terri-  
veis, assustadoras !

Aquella gallinha não podia de forma alguma ser  
comida !

Era humanitario, pois não era ?

E tanto pensei n'isto, que tomei a minha resolução,  
uma resolução heroica !

Era forçoso salva-la ou então eu deixaria de ser um  
ente humano

Approveitei a occasião em que a cosinheira tinha ido  
rachar lenha e *zás* !... surrupiei a gallinha do alguidar.  
Em seguida fui escondel-a.

Gritos, pragas... o diabo ! Nada disso faltou quando  
a cosinheira deu pela falta da *peça importante*.

Mas eu soube conservar-me na altura da minha re-  
solução e attribui o furto ao *Cacique*, um cão guloso e  
malandro que não fazia mais de que dormir e comer.

Passou emfim, a atormenta, e eu respirei.

A's tres e meia chegou o primeiro conviva, depois o  
segundo, o terceiro, o quarto e d'ahi por deante.

A minha attenção foi, porém, attrahida pela figura  
imponente do Sr. Felizardo do Amor Divino, velhote  
de sessenta annos, baixo e gordo como todos os velho-  
tes que são convidados para jantar.

Que soberbo *paletot* trazia elle !

A's quatro horas deram o signal e eu, vendo o Sr.  
Felizardo a resomnar á um canto, fui cauteloso como  
um larapio, até elle e fiz desaparecer dentro do seu  
famoso bolço a não menos formosa gallinha.

Estava salva a patria !

Depois compuz a minha physionomia radiante e sa-  
cudindo-o por um braço, gritei-lhe ao ouvido :

— Seu Felizardo !

— Heim ? O que foi ? perguntou elle muito espan-  
tado, — já estão jantando ?

— Já, sim, senhor, e eu vim convidal-o para, ao  
menos, comer alguma cousa na sobremeza, visto que  
não quiz jantar.

— Mas, eu não disse que não queria !... Que des-  
graça, meu Deus ! Pois vamos lá !

E este precipitou-se para a sala do jantar sem mes-  
mo esperar que eu o guiasse.

— Oh ! Sr. Felizardo ! disse meu pae ao vel-o. Ao  
menos a sopa ! Não gosta !

— Muito... de... (aqui abafa um bocejo) de todos  
os doces... (aqui, outro) é do que muito gosto !

Ninguém se pôde conter.

Desmanchado o engano sentou-se o Sr. Felizardo  
e, socegradamente, sem mesmo se encommodar com as  
pilherias dos circumstantes, principiou o seu *sacrificio*  
(palavra que até hoje lhe contesto).

A' sobre-meza é que eu devia executar o meu plano.

Chegado o momento, eu, com a cara mais ingenua  
que se tem visto, perguntei á meu pai :

— Papai, o Sr. Felizardo tem casa ?

— Que pergunta tola ! observou meu irmão, o te-  
nente-coronel.

— Tem, sim, meu filho, respondeu meu pai.

— E filhos... ?

— Outra ! regougou minha avó.

— Tenho, sim, nhô-hhô ! respondeu a victima da  
minha ingenuidade.

— E elles gostam de gallinha ?

— Cala essa boca, tolo ! disse o outro meu irmão,  
que não era tenente-coronel... futuro, mas que queria  
ser presidente de camara dos deputados.

— Gostam muito ! respondeu o Sr. Felizardo. —  
Porque ? quer mandar-lhes alguma ?

— Eu queria, mas...

— Então, porque não manda ? interpellou o tal, o  
tenente-coronel.

— Não mando porque o Sr. Felizardo é capaz de  
dizer que é d'elle...

— Menino !

— Nhô-nhô !

— Espera, malcreado !



— Atrevido !  
— E é, sim ! Pois os senhores não viram o que elle fez ? !

— Nhô-nhô, come doce de coco, está bom !... Olha como está gostoso !

— E'... O senhor está disfarçando porque não quer que eu conte, mas eu bem vi esconder a gallinha gorda no bolso...

— Nhô-nhô !

— Menino !

— Atrevido !

— Espera, malcreado !

O Sr. Felizardo, para *disfarçar*, quer puxar o lenço do bolso, mas em vez d'elle, sahe a famosa gallinha presa por uma aza.

*Tableau !*

O Sr. Felizardo faz-se de mil côres e balbucia um milhão, ou talvez mais, de desculpas, para provar a sua innocencia.

E eu já estava todo satisfeito do exito da minha empreza, mas, ah ! O meu plano não tinha sido bem combinado, de fórmulas que, quando meu pai viu a gallinha percebeu logo que alli andára a minha mão, e... abriu namesma occasião rigôroso inquerito que deu em resultado... as quatro palmatoadas de que já tive occasião de fallar (sem saudades).

Jurei nunca mais salvar gallinhas, e até ao presente tenho cumprido escrupulosamente o juramento.

Ah ! Bom tempo ! Bom tempo !

Talvez por ter sido o que fui, não posso ouvir a sangue frio estas extremosissimas más de hoje :

— Rita, tira esse menino da *humidade* !

— Nêê, sahe do sol !

— Sêu Joãozinho, faça esse menino dormir, que já são sete horas !

— Sêu Duarte... não dê no Antonico ! Coitadinho ! Tão magrinho !

Infelizmente, ouve-se isso em todos cantos.

Por isso é que a creança de hoje nunca chega á tenente-coronel !

Ah ! Bom tempo aquelle em que meu irmão, o outro, queria ser presidente da camara dos deputados !

Hoie !...

ABEL PORTO.

### TRIOLET

(A LOPES DOS REIS)

Tu és um joven sympathico,  
de intelligencia brilhante,  
assaz garboso e galante,  
tu és um joven sympathico.  
A's vezes ficas seismatico,  
porém vem logo a pilheria,  
fazes rir a gente seria....  
tu és um joven sympathico

L. F. DE OLIVEIRA.

### Traços geographicos do rio DOURO portuguez e alguns biographicos da sua marinhagem

**D**ENTRE OS muitos rios que Portugal contem em seu ameno solo, como : — Tejo, Douro, Mondego, Lima, Guadiana, Sado e Vouga, além de muitos outros seus confluentes, são poucos, ou nenhuns, os que conservam uma activa e constante navegação fluvial. Se bem que todos sejam notaveis,

ou por uma ou outra cousa, não existe um que possua tão atroz ferocidade como o *Douro*, nem nenhuma das outras margens são tão ricas e productivas como as suas. O *Douro* parte a norte e sul com a provincia do Douro, capital — Porto ; com a do Minho, capital — Braga ; com a da Beira-Alta, capital — Vizeu ; com a de Traz-os-Montes, capital — Villa-Real ; com a da Beira-Baixa, capital — Castello-Branco. O *Douro* baa os sopés destas cinco provincias e faz-lhes a sua completa riqueza, já por que fornece aos seus habitantes menos abastados trabalho quotidiano, já por que lhes offerece os fructos de seu seio : — A boa *lamprêa*, o bom *sável*, *muge*, *escallo*, *barbo*, muitos *sólhos* e algumas *trutas*, e quando apparecem estas duas ultimas qualidades de peixe, admira-se não só as suas lindas côres, mas tambem as suas fórmulas gigantescas, por isso que já se tem pescado *sólhos* de 180 kilos ou 12 arrobas de pezo ! ! ! ! !

O *Douro* nasce na Hespanha a 15 kilometros de distancia do limite de Portugal — *Barca d'Alva*, e percorre em terreno portuguez 140 kilometros aproximadamente, isto é, desde a Barca d'Alva até S. João da Foz, no Porto. Este rio é navegavel em todo o seu comprimento e o unico transportador dos afamados vinhos portuguezes ; é muito mais feroz quando pequeno do que quando excessivamente crescido pelo motivo de conter em si penedias assombrosas, que têm, a maior parte, formado o seu pedestal no fundo das aguas ; porém tambem possui certos *pontos* que, com determinada quantidade de agua, prohibem a navegação, por exemplo — *Bulla*. Este *ponto* é o mais prejudicial que tem o *Douro*, porque tem um paredão que alli levantaram para o ajuntamento das aguas, cujo, é o verdadeiro algóz de toda a marinhagem empregada n'aquella via, pois que, trazendo a agua a lavar-lhe o cume, não consente que barco algum tenha passagem em sua frente, salvo se tiver em vista ficar submergido nas aguas de sua maldita gurganta ! D'ahi vem o dizer-se, lá em Portugal, quando alguma ruina ha entre familias, presenciada por alguém : — *Anda Bulla em cabeça* ! — justamente a expressão timorata dos marinheiros na occasião em que as aguas do *Douro* lavam a *cabeça* (cume) do *ponto* supradicto ! ! ! ! !

*Figueira-velha*, *Cadão*, *Piãr*, *Cachucha*, *Cachão*, *Górça*, *Loureiro*, *Furcada*, *Tojal*, *Cardia*, *Escarnida*, *Fieis de Deus*, *Ponto Novo*, e outros muitos pontos, dos quaes não me recordo, são outros tantos precipícios, e differem do *ponto Bulla* pelo simples facto de concederem passagem aos navegantes com todas as marcas das aguas que, no estio ou inverno, affluem ao Douro, não obstante offerecerem os mesmos perigos, previstos antecipadamente por aquelles a quem é entregue a direcção do barco : — é nestes pontos que o *arraes* mostra a sua grande sciencia, não cessando de pronunciar as seguintes palavras : — *A' Baião* ! — *A' Reçende* ! *Chega mais do pégo* ! (pélago) — *Mais um bocado p'ra terra* ! *Embrulha esse cabresto* ! *Essa vella recolhida* ! *Olha essas escótas* ! E a seu turno grita o da prôa : (feitor) *Sêr meu amo* ! *A prôa di-*



*reita p'r'áquelle bulho, p'ra comer aquella agua forte, que nos vem pela ré! . . . .*

—Repugna-me mencionar o terror que existe n'aquelles que sondam os trabalhos da marinhagem, principalmente quando succede qualquer naufragio; todavia darei alguns pormenores, porém, resumidos: — Um barco póde ter a lotação de 90 pipas, cheias, ou 95, mas nunca d'ahi para cima; a sua tripolação deve constar de 20 ou 30 pessoas inclusivè o *arraes*. Destas, empregam-se na *espadella* (leme) 10 a 12, e o resto nos remos, quando em viagem para o Porto. O *arraes*, unico e exclusivo governante, é sempre o da frente da *espadella* e os seus confidentes são os ante-immediatos ao seu posto, os quaes, ao tempo que *peijam*, (desandar o barco), levam nas mãos uma grossa corda (cabo) com que circundam os tórnos da mesma *espadella* para evitarem que a força das aguas os lance no rio e o barco tenha rumo differente. Então o *arraes*, proximo a algum ponto, que infunde temor áquelles que se lembram dos seus caros e tenros filhos, principia a animar a sua gente: — *Rapazes, animo! Vamos com Nossa Senhora da Guia, do Rozario, das Dores, do Carmo, dos Afflictos, da Apparecida. . . Deus nos ajude, rapazes!*

Elles a uma só voz respondem: *Amem, sêr meu amo!*

— Ao passar o ponto eis que uma serra de agua entra pela prôa do barco e molha inteiramente os remadores; estes ficam assustadissimos, estupefactos, julgando que já estão a dar comida aos peixes com seu proprio corpo, o *arraes* lhes torna: — *Rapazes! não tenhaes receio, nem vos assusteis! Senhor dos Desamparados, das Boas-novas, etc., etc., nomeando tantos Senhores, como tinha antes nomeado Senhoras, chamando por elles e juntamente pelo moço (semi-homem) para que traga um cavallo cheio de vinho.*

A isto juntam os marinheiros: — *Então, sêr meu amo, não fazemos lastro com uma cêga? Nós precisamos purparar-nos para dar comida aos peixinhos, e quem vae para o outro mundo precisa lubar os alforges!* O *arraes* annue aos pedidos da marinhagem, e manda assar um *quarteirão* de sardinhas (cêgas) das de 200 rs. o milheiro! . . .

Chega a um outro ponto, quebra, por descuido ou casualidade, o barco! A neve amontoada, o gelo a cada passo, o vento frigidissimo, as agoas em grande abundancia, abrindo boccas devorantes, enfim, a lembrança do *bom maduro* e das *cêgas*. . . nada é sufficiente para impedir que o marinheiro se lance repentinamente sobre o abysmo que transita! Luta com todos e com tudo, despreza a parca que o rodeia, encara a sua salvação pelo unico meio de salvação de seus filhos, que vivem na indigencia, e, se a coragem lhe falta, os musculos lhe diminuem, seu corpo desfallece, morre, desapparece, levando nos labios o nome de seus idolatrados filhos, e os seus retratos impressos em seu coração, e deixando-nos o ecco de suas ultimas e agonizantes phrazes repercutido no nosso cérebro!!

Quanto póde o amor paternal!!

(Continúa.)

J. M. CARDOSO FRAZÃO.

## SAUDADES DA PATRIA

Longe das plagas, que minh'alma chora  
Já outra aurora para mim nasceu;  
Já a esperança que me acalentava  
Está acabada neste filho teu!

Longe, bem longe, só em ti eu penso,  
Quando suspenso meu sentido está;  
Não vês minh'alma que por ti suspira?  
Oh! quem na lyra não te cantará?!

Eu não te canto pois meu canto é triste  
Inda mais triste que da noite o véu!  
Se co'estes cantos eu te engrandecera...  
Oh! quem me derá te elevar ao céu!

ALVARO BAPTISTA.

## AVANTE!

Leitores:

E' ainda com o coração torturado pela perda de meu pae, que venho collaborar na revista do *Centro Litterario*. Não o faria de certo, se a isto não me impellisse um motivo imperioso:—louvar aquelles que, pelos seus proprios esforços, o merecem. Não podendo tratar largamente de um assumpto qualquer, vós me desculpaes, se neste meu pequeno trabalho encontrardes defeitos; pois que minha alma neste momento está toda entregue ao lucto!

O Centro Litterario, que tendo á sua frente uma directoria distincta e amiga das grandes evoluções, não podia, por certo, leitores, deixar de publicar a presente *Revista*. A publicação della vem demonstrar claramente que a mocidade não pára, caminha sempre e sempre, com os olhos fitos no porvir: é ella a sentinella avançada das grandes idéas. E' por isso que, onde se falla em progresso, a mocidade corre pressurosa em busca desta grandiosa verdade.

A directoria do *Centro*, que é composta de uma pleiade de moços distinctos, que sabem presar a sua dignidade, creou um jornal, onde têm de collaborar moços mais intelligentes do que eu, o unico poderoso auxiliar, e o meio mais util, para instruirmo-nos e habilitarmos á occupar lugar proeminente no templo de Guttemberg.

Oxalá que as nossas co-irmãs comprehendessem tão salutar verdade!

Avante!

Trabalharemos incessantes para elevar-mos esta sociedade ao gráo de prosperidade á que ella tem direito.

THEOPHILO LUCAS.

## A' JULIETA MONTEIRO

Teus preludios me contaram  
repassados de harmonia  
nos cantos, o som que hia  
quando aos labios te brotaram.

Disseram mais: que és bondosa,  
um ramilhete singelo,  
meiga, esposa modelo  
quanto inspirada e mimosa.

Da lyra dedilha as cordas  
que os sentimentos acordas  
de supremo idealismo!

Canta mais, que o teu cantar  
enche noss'alma a nadar  
n'um oceano de lyrismo!

Rio de Janeiro, 10 de Novembro de 1882.

A. M. DUARTE PORTO JUNIOR.

Typ. Hildebrandt, r. d'Ajuda n. 31